



Voltando a Baudelaire, "Les Chats" [Os Gatos]¹

Claude Zilberberg (Séminaire International de Sémiotique à Paris)*

Resumo: A hipótese tensiva, ao postular a centralidade do afeto na economia geral da geração do sentido, assinala as composições pertinentes nas quais se combinam, no entrecruzamento do sensível e do inteligível, uma valência intensiva (forte vs. fraco) e uma valência extensiva (concentrado vs. difuso). Na década de 1960, o soneto "Les Chats" [Os Gatos] de Charles Baudelaire (*Les Fleurs du mal*) foi objeto de uma análise, desde então clássica, empreendida por Roman Jakobson e Claude Lévi-Strauss, em que se esclarecia a virtude heurística da tensão entre a metonímia e a metáfora. Embora a interpretação desses mestres tenha conservado todo seu alcance, sob muitos aspectos exemplar, é possível acrescentar-lhe outras leituras. Desejamos demonstrar, em nossa própria escala, que o singular devir desse poema procede da tensão entre os valores de absoluto (forte intensidade e extensidade concentrada) e os valores de universo (fraca intensidade e extensidade difusa). Essas composições podem ser vistas como as resultantes respectivas das operações de triagem e de mistura. Para falar com maior precisão, esse patamar de análise de "Os Gatos" mostra uma conversão axiológica, de tal forma que os valores de absoluto, predominantes nos tercetos, vêm substituir os valores de universo prevalecentes nas quadras..

Palavras-chave: Charles Baudelaire ; Les Chats [Os Gatos] ; Les Fleurs du mal [As Flores do Mal] ; valores de absoluto ; valores de universo.

Les Chats

Les amoureux fervents et les savants austères
Aiment également, dans leur mûre saison,
Les chats puissants et doux, orgueil de la maison,
Qui comme eux sont frileux et comme eux sédentaires.

Amis de la science et de la volupté,
Ils cherchent le silence et l'horreur des ténèbres ;
L'Érèbe les eût pris pour ses coursiers funèbres,
S'ils pouvaient au servage incliner leur fierté.

Ils prennent en songeant les nobles attitudes
Des grands sphinx allongés au fond des solitudes,
Qui semblent s'endormir dans un rêve sans fin ;

Leurs reins féconds sont pleins d'étincelles magiques,
Et des parcelles d'or, ainsi qu'un sable fin,
Étoilent vaguement leurs prunelles mystiques.

Sob vários aspectos, a publicação da análise do soneto "Les Chats" de Baudelaire, por R. Jakobson e C. Lévi-Strauss (1973: 401-419), foi um acontecimento. Sem qualquer pretensão de competir com tais mestres, desejamos apenas mostrar que estamos no campo da interpretação, tomada não na acepção psicanalítica, mas na da crítica musical. O ponto de vista psicanalítico apresenta duas características: (i) a psicanálise aspira ao estabelecimento da interpretação definitiva, tal que, uma vez concluída, não restaria nada mais a dizer... (ii) na esfera epistemológica, a

psicanálise optou pela transcendência, ao contrário da linguística e da semiótica, que optaram pela imanência. De acordo com essa opção, as interpretações somam-se umas às outras: a interpretação de Furtwängler vem se acrescentar à de Toscanini, sem suprimi-la. Assim como Jakobson e Lévi-Strauss evidenciaram o inegável valor heurístico da tensão entre a metáfora e a metonímia, propomos demonstrar que a tensão entre os valores de absoluto e os valores de universo pode explicar o devir singular desse soneto.

Para ser admitida, uma hipótese deve satisfazer a múltiplas condições: (i) ser formulada como uma hierarquia de categorias interdependentes; (ii) diante de um determinado *corpus*, as categorias se convertem em interrogações situadas; (iii) as respostas a essas interrogações, por fim, devem ser formuladas como alternâncias, no intuito de respeitar o ponto de vista imanente recomendado por Saussure.

1. Os valores

A hipótese tensiva reconhece que a emergência da significação requer a desigualdade dos inventários: "(...) os inventários se torn[a]m cada vez mais limitados no decorrer do procedimento e, (...) de ilimitados no início, se torn[a]m limitados (...)". (Hjelmslev, 1975: 48-49) Dada essa operação de triagem, percebe-se que os inventários limitados regem os ilimitados. A dimensão da intensidade,

¹ Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. Este artigo de Claude Zilberberg foi publicado originalmente em francês na revista Actes Sémiotiques, da Universidade de Limoges (n. 118 [2015], acessível em <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5505>), sob o título "Les chats" de Baudelaire. Agradecemos aos editores, na pessoa de Jacques Fontanille, a amável autorização para publicação desta versão em português.

* Séminaire Intersémiotique de Paris — France. Site pessoal: <http://www.claudezilberberg.net>.

que oferece inventários limitados, porém pregnantes, lida com a tensão *forte* vs. *fraco*. A dimensão da extensidade, por sua vez, projeta inventários, quando não ilimitados, pelo menos extensos, e lida com a tensão *concentrado* vs. *difuso*. O espaço tensivo resulta da projeção da dimensão da intensidade sobre a dimensão da extensidade. A partir da interseção dessas duas dimensões, os valores emergem por composição. Em conformidade com nosso imaginário, duas composições implicativas combinam uma valência intensiva e uma valência extensiva:

<i>Extensidade</i> → <i>Intensidade</i> ↓	<i>Concentrado</i> ↓	<i>Difuso</i> ↓
<i>Forte</i> →	forte/concentrado	
<i>Fraco</i> →	fraco/difuso	

Os valores semióticos assumem essas composições canônicas: por serem exclusivos, os valores de absoluto são fortes na intensidade e concentrados na extensidade; já os valores de universo, por serem inclusivos, são fracos, "módicos" na intensidade e difusos na extensidade. A hipótese tensiva propõe traduzir a busca dos valores numa alternância entre valores de absoluto, fortes e concentrados, e valores de universo, fracos e difusos. Enquanto o valor de absoluto resulta de uma operação de triagem, o valor de universo resulta de uma operação de mistura.

	<i>valores de absoluto</i> ↓	<i>valores de universo</i> ↓
<i>operação</i> →	triagem	mistura
<i>propriedades</i> →	força + concentração	fraqueza + difusão

2. Formulação da hipótese

Partindo dessa dicotomia de grande envergadura, formulamos nossa hipótese nos seguintes termos: o soneto faz os gatos passarem do valor de universo ao valor de absoluto.

<i>quadras</i> ↓	<i>tercetos</i> ↓
valores de universo	valores de absoluto

Podemos agora explicitar os termos dessa hipótese: se, nas quadras, os gatos encarnam, ao lado de outros atores, o valor de universo, este cede lugar, nos tercetos, ao valor de absoluto.

O valor de universo vem sempre motivado ao menos por uma operação anterior de mistura. No soneto em questão, diversas operações de mistura

são efetuadas. A primeira incide sobre os homens: os *amoureux* [apaixonados] e os *savants* [cientistas] são aproximados por serem ambos tônicos. O fervor no caso dos *amoureux* e a austeridade no caso dos *savants* são duas figuras do recrudescimento na dimensão da intensidade. A similitude tônica, *aiment également* [amam igualmente], prevalece sobre a divergência de suas metas. Uma segunda operação de mistura leva da classe dos humanos à dos seres animados, ao emprestar aos gatos as mesmas volições (*Amis de la science et de la volupté* [Amigos da ciência e da volúpia]) e a mesma sensibilidade (*frileux et sédentaires* [frieiros e sedentários]). Essas operações de mistura, que modificam o conteúdo das taxionomias já estabelecidas, recorrem à *concessão*, que lhes permite transcender a contrariedade semântica das grandezas comparadas. Se a doxa acredita ter a obrigação de contrapor *science* [ciência] e *volupté* [volúpia], o soneto as conjuga, assim como os gatos conjugam, em seu ser, potência (*puissants*) e brandura (*doux*). Tamanha é a similitude que os *amoureux* e os *savants* acabam compartilhando um mesmo espaço de convívio – o da *maison* [casa], assim como uma mesma temporalidade – a *mûre saison* [idade madura].

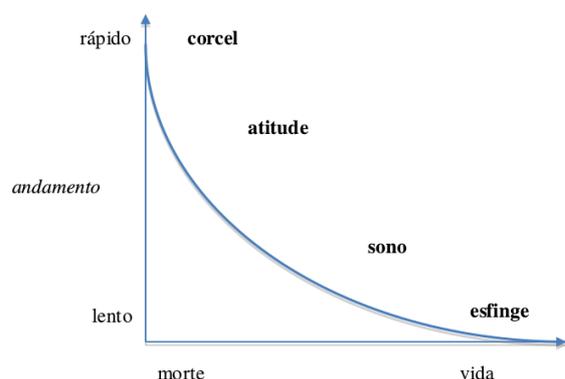
3. A conversão

A segunda quadra dá início à conversão axiológica que substitui o valor de universo pelo valor de absoluto. A semelhança entre os *amoureux*, os *savants* e os *chats* é posta em questão no sexto verso:

Ils cherchent le silence et l'horreur des ténèbres
[Buscam eles o silêncio e o horror das trevas]

Essa volição paradoxal, não sendo partilhada pelos *amoureux* nem pelos *savants*, virtualiza as operações anteriores de mistura. Por essa operação de triagem, os gatos começam a se separar do grupo constituído nas quadras. O espaço da *maison*, tranquilizante e confortável nas quadras, desaparece e dá lugar a um não-espaço que suspende os fazeres perceptivos (auditivo e visual) elementares. É a própria base da comunicação e das identificações recíprocas que fica assim arruinada. Recusando a condição de *servage* [servidão] em nome da *fierté* [altivez], os gatos se destacam como uma figura aristocrática, afastando-se assim da esfera dos valores de universo para atingir a dos valores de absoluto.

A renúncia dos gatos a uma função prestigiosa pede uma compensação que faz intervir o *andamento* por projeção de uma tensão entre os *chats-courriers* [gatos-corcéis] e os *chats-sphinx* [gatos-esfinges]. Se aqueles insinuam a morte na vida, estes, com a figura da atitude (*attitudes*), insinuam a vida na morte. Desse modo, teremos:



Considerando que esse soneto é uma máquina complexa de desacelerar, é a lentidão que recebe o “acento de sentido” (Cassirer). Sob essa condição, podemos apresentar a matriz correspondente ao gráfico (Zilberberg, 2012: 55-59):

Sobrecontrário tônico	Subcontrário tônico	Subcontrário átono	Sobrecontrário átono
↓	↓	↓	↓
<i>esfinge</i>	<i>sono</i>	<i>atitude</i>	<i>corcel</i>

O primeiro terceto mobiliza a sintaxe intensiva, que opera por aumento e diminuição, e a sintaxe extensiva, que opera por triagem e mistura. No que diz respeito à sintaxe intensiva, a ascendência supõe concatenação entre uma sequência de restabelecimento e uma sequência de recrudescimento:

<i>restabelecimento</i>	<i>recrudescimento</i>
↓	↓
<i>corcel</i> → <i>atitude</i>	<i>sono</i> → <i>esfinge</i>

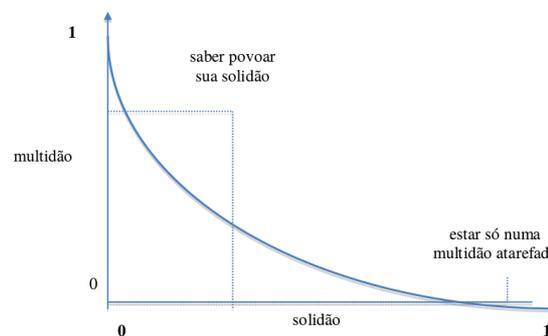
A sintaxe extensiva, por sua vez, opera por seleção-eleição de uma grandeza a partir de uma determinada classe. Atribuindo *nobles attitudes* [nobres atitudes] às esfinges, o terceto confirma o traço /aristocrático/ enunciado nos versos 7 e 8, traço este que é característica dos valores de absoluto. Com efeito, esses últimos concentram e confiscam a foria que os valores de universo distribuem e difundem. Se a sintaxe intensiva e a sintaxe extensiva agem de comum acordo, essa convergência adquire valor de acontecimento.

O primeiro terceto aborda um tema caro a Baudelaire, a solidão. O poema *Les foules* fornece a metalinguagem pertinente: “Multitude, solitude : termes égaux et convertibles par le poète actif et fécond. Qui ne sait pas peupler sa solitude, ne sait pas non plus être seul dans une foule affairée.”(Baudelaire, 1954: 295-296). [Multidão, solidão: termos iguais e mutuamente conversíveis pelo poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar

sua solidão, não sabe também ficar só numa multidão atarefada]. Quando desencadeia uma operação de mistura, o poeta atualiza um valor de universo, ou seja, um valor compartilhado; quando desencadeia uma operação de triagem, atualiza um valor de absoluto restritivo. A “solidão”, correlato espacial dessa focalização, opõe-se à “multidão”. Na medida em que se trata de uma “multidão atarefada”, podemos acrescentar duas outras tensões: (i) uma tensão relativa ao *regime* que atribui o *ser* ao valor de absoluto e o *fazer* ao valor de universo. Por fim, (ii) uma tensão relativa à *densidade* que atribui a posição *mono-* ao valor de absoluto e a posição *poli-* ao valor de universo. Assim:

<i>valor</i> →	<i>valor de absoluto</i> ↓	<i>valor de universo</i> ↓
<i>operação</i> →	triagem	mistura
<i>densidade</i> →	mono-	poli-
<i>regime</i> →	ser	fazer
<i>espacialidade</i> →	solidão	multidão

O gráfico correspondente a essa rede apresenta-se assim:



A coerência do universo de discurso permite definir a sintaxe própria dos valores diretores: (i) no eixo vertical, a relação é de *coexistência* e projeta no discurso uma *atualização*, um chamado, uma solicitação; (ii) no eixo horizontal, a relação de *alternância* é manifestada por uma *virtualização*. Uma vez que a presença de um exclui a presença do outro, os pressupostos insuperáveis da discursividade corrente aparecem assim:

	<i>valores de absoluto</i> ↓	<i>valores de universo</i> ↓
<i>relação</i> →	coexistência [e...e...]	alternância [ou... ou...]
<i>modo de existência</i> →	atualização	virtualização

Tomemos o décimo primeiro verso:

Qui semblent s'endormir dans un rêve sans fin
[Que parecem adormecer num sonho sem fim]

São convocadas aí as modalidades veridictórias e a aspectualidade. Mas esse décimo primeiro verso faz alusão a um *fazer* particular, *s'endormir* [adormecer], que põe em xeque o procedimento interpretativo e mais precisamente a questão da *homogeneidade* abordada por Hjelmslev nos seguintes termos: “O fator particular que caracteriza a dependência entre a totalidade e as partes, que a diferencia de uma dependência entre a totalidade e outras totalidades e que faz com que os objetos descobertos (as partes) possam ser considerados como interiores e não exteriores à totalidade (isto é, o texto) parece ser a *homogeneidade* da dependência: todas as partes coordenadas resultam apenas da análise de uma totalidade que depende dessa totalidade de um modo homogêneo” (Hjelmslev, 1975: 33). Para a semiótica greimasiana, a homogeneidade é *narrativa*: as estruturas, tanto as superficiais como as profundas, não são justamente chamadas de *narrativas*? (Greimas & Courtés, 2008: 232-235). Hoje em dia, segundo a hipótese tensiva, o maior responsável pela homogeneidade é claramente o *andamento*. É o andamento que, pela mediação dos modos semióticos que alternam o sobrevir (*survenir*) e o pervir (*parvenir*), configura o campo de presença. O que nos leva a admitir que toda grandeza está *sob a égide do andamento*, que a valência do andamento é por princípio catalisável.

Em universos totalmente distintos, Valéry e Lévinas desenvolveram essa problemática. Num fragmento dos *Cahiers*, Valéry observa:

Calme – Prêtre de Kronos

Ô Temps –
quoique rien ne se passe de sensible
quelque chose – on ne sait où
croît.
L'être immobile (que l'on est) au sein
D'un lieu immobile aux yeux et aux sens
agit-il par là ? (Valéry, 1974: 1291)

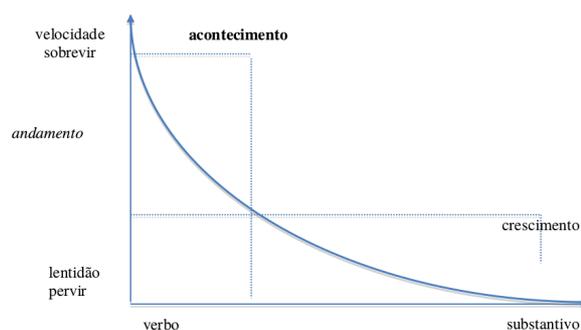
[Calma – Sacerdote de Chronos

Oh ! Tempo –
embora nada se perceba
alguma coisa – não se sabe onde
cresce
O ser imóvel (que se é)
no seio de um lugar imóvel aos olhos e aos sentidos
agiria a?]

Esse fragmento é precioso na medida em que afirma que o reconhecimento da significação é reconhecimento de sua carga *concessiva*. O modo

semiótico (Zilberberg, 2012: 37-45) convocado é o *pervir*; a valência intensiva de andamento é a extrema *lentidão* não perceptível pelo observador. A figura do *crescimento*, que fascinou Valéry (1968: 886-907), reúne esses traços.

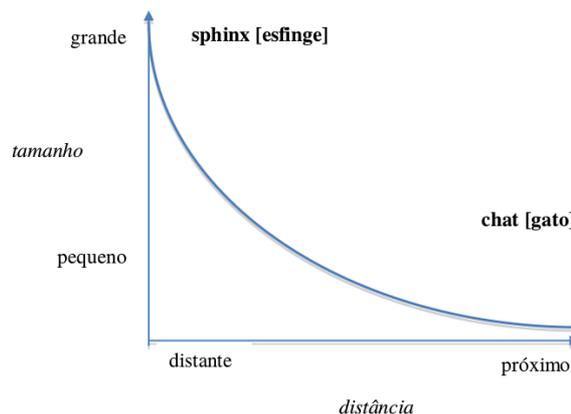
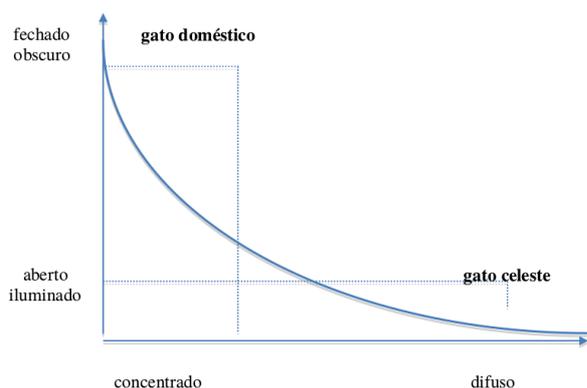
A partir de um horizonte bem diferente, Heidegger e seu sóbrio comentador, E. Lévinas, escolhem como categorias interpretantes as categorias semióticas e as linguísticas. As grandezas reconhecidas pela análise surgem impregnadas de “verbalidade”: “Fala-se habitualmente da palavra *ser* como se fosse um substantivo, ainda que seja, por excelência, um verbo. Em francês, se diz *l'être* [o ser], ou *un être* [um ser]. Com Heidegger, na palavra *ser* revelou-se sua ‘verbalidade’, o que nela é acontecimento, o ‘ocorrer’ do ser. Como se as coisas e tudo o que existe ‘se ocupassem em estar a ser’, ‘fizessem do ser uma profissão’. É a essa sonoridade verbal que Heidegger nos habituou” (Lévinas, 1986: 28). Estamos menos “dentro” do espaço que “dentro” do andamento.



O próprio Baudelaire identificou a chave de seu universo pessoal:

“Estudar em todas as suas modalidades, nas obras da natureza e nas obras do homem, a universal e eterna lei da gradação, do *pouco a pouco*, do *grão em grão*, segundo a qual as forças aumentam progressivamente, tal como, em matéria de finanças, os juros compostos. É o que igualmente ocorre no caso da *habilidade artística e literária*; e também no caso do tesouro variável da *vontade*” (Baudelaire, 2009: 70).

Tendo em vista nosso esforço de descrição do soneto *Os Gatos*, isso significa que a sintaxe pertinente é a sintaxe intensiva dos aumentos e diminuições e que estamos diante de uma *ascendência tensiva*. O que nos leva a pensar que o primeiro terceto opera um restabelecimento e o segundo, um recrudescimento. Tal progressão decorre de uma concessão implícita: embora os “gatos” sejam passivos e pareçam ausentes, mergulhados em “um sonho que jamais termina”, “seus rins fecundos estão cheios de mágicas fagulhas”. Os tercetos realizam a *sublimação* dos “gatos” domésticos em “gatos” celestes. Desse modo:



4. Configuração do campo de presença

Em sua relação com o sujeito, o valor de absoluto e o valor de universo diferem sensivelmente entre si. O valor de absoluto, veículo da unicidade, “carece de proporção” (Pascal) perante o sujeito, o que não ocorre com o valor de universo, veículo da universalidade. Se o valor de absoluto expõe-se ao *demais*, o valor de universo, por sua vez, expõe-se ao *pouco demais*. Os gatos celestes se mantêm “au fond des solitudes” [no fundo das solidões], enquanto os gatos domésticos, caseiros, ficam no espaço fechado da “maison” [casa]. Os gatos domésticos estão *logo aí*, os gatos celestes estão *lá longe*, ou seja:

	valor de absoluto ↓	valor de universo ↓
programa →	distância excessiva	proximidade excessiva
contraprograma →	aproximação	distanciamento

E não é a única diferença. Quanto ao tamanho dos objetos, os tercetos contrastam entre si. Levando-se em conta que todo objeto cifra uma escala, que tem o corpo por referente, o segundo terceto esboça um paradigma da *pequenez*, abrangendo “étincelles magiques” [fagulhas mágicas], “parcelles d’or” [partículas de ouro] e “sable fin” [areia fina]. A correlação entre o tamanho dos objetos e a distância do observador diante do informante, que os artistas do Renascimento dominaram perfeitamente ao descobrir a perspectiva, assim se apresenta:

Por meio de dois entimemas, os tercetos configuram o campo de presença sob dois critérios: o tamanho dos objetos e a distância entre a “sphinx” e o sujeito. Assim,

- 1 se distante e grande, *então* esfinge
- 2 se próximo e pequeno, *então* gato

A partir dessas premissas, o campo de presença projetado pelos tercetos pode ser considerado *coerente*: as esfinges ficam diminuídas por seu distanciamento, enquanto os gatos ficam aumentados por sua proximidade.

5. Para concluir

A descrição analítica de um discurso equivale à travessia de uma série de filtros. O primeiro deles diz respeito ao modo de eficiência: sobrevir ou pervir? Cremos ter demonstrado que o soneto afirma a prevalência do pervir. O filtro seguinte refere-se às valências de andamento, tonicidade, tempo e espaço. A declinação valencial típica deste soneto apresenta-se assim:

	Andamento →	lentidão
Intensidade →	Tonicidade →	acentuação
	Temporalidade →	longevidade
Extensidade →	Espacialidade →	fechamento seguido de abertura

Escolhemos o termo “acentuação” porque oferece uma boa imagem da tonicidade: « o que se mantém num nível elevado, que prossegue com intensidade bastante forte sem distender » (de

acordo com o verbete “soutenu” [acentuação], no *Trésor de la Langue Française*).

Enfim, para cada ordem de valências, convém identificar o « estilo » sintáxico escolhido : estaríamos falando da sintaxe intensiva dos aumentos e diminuições ou da sintaxe extensiva das misturas e triagens? Ou seria, ainda, a sintaxe

juntiva das implicações e concessões? Nossa leitura sugere, ao que parece, uma resposta em dois tempos : em primeiro lugar, o texto intensifica uma operação de triagem que dissocia os gatos da classe dos humanos; em segundo lugar, a sintaxe intensiva dos aumentos e diminuições intervém aumentando o ser dos gatos. ●

Referências bibliográficas

Baudelaire, Charles

1954. *Les fables*. In : *Oeuvres complètes*. Paris : Gallimard/La Pléiade.

Baudelaire, Charles

2009. *Meu Coração Desnudado*. Tradução e Notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Greimas, Algirdas Julien ; Courtés, Joseph

2008. *Dicionário de Semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima *et alii*. São Paulo: Contexto.

Hjelmslev, Louis

1975. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*.

Tradução J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva.

Jakobson, Roman; Lévi-Strauss, Claude

1973. « Les chats » de Charles Baudelaire. In : Jakobson, R. *Questions de poétique*. Paris : Seuil.

Levinas, Emmanuel

1986. *Éthique et infini*. Paris : Le Livre de Poche.

Zilberberg, Claude

2012. *La structure tensiva*. Liège : Presses Universitaires de Liège.

Dados para indexação em língua estrangeira

Zilberberg, Claude.
« Les Chats » de Baudelaire.
Estudos Semióticos, vol. 12, n. 2 (2016)
issn 1980-4016

Résumé: *Parce qu'elle pose la centralité de l'affect dans l'économie générale de l'engendrement du sens, l'hypothèse tensive prend acte des compositions remarquables combinant, à l'intersection du sensible et de l'intelligible, une valence intensive (fort vs faible) et une valence extensive (concentré vs diffus). Dans les années 1960, le sonnet "Les Chats" de Charles Baudelaire (Les Fleurs du mal) avait fait l'objet d'une analyse devenue classique de la part de Roman Jakobson et de Claude Lévi-Strauss, laquelle établissait la vertu heuristique de la tension entre la métonymie et la métaphore. Si l'interprétation de ces maîtres, à maints égards exemplaire, n'a rien perdu de sa portée, d'autres lectures sont néanmoins susceptibles de s'y ajouter. Nous voudrions montrer, à l'échelle qui est la nôtre, que le devenir singulier de ce poème est tributaire de la tension entre les valeurs d'absolu (intensité forte et extensité concentrée) et les valeurs d'univers (intensité faible et extensité diffuse). De telles compositions se laissent concevoir comme les résultantes respectivement d'une opération de tri et d'une opération de mélange. Plus précisément, à ce niveau de l'analyse, on assiste avec "Les Chats" à une conversion axiologique qui substitue la valeur d'absolu, dominante dans les tercets, à la valeur d'univers qui l'emportait dans les quatrains..*

Mots-clés: *Charles Baudelaire ; Les Chats ; Les Fleurs du mal ; valeurs d'absolu ; valeurs d'univers.*

Como citar este artigo

Zilberberg, Claude. Voltando a Baudelaire, "Les Chats" [Os Gatos]. *Estudos Semióticos*. [on-line]. Disponível em: (<http://www.revistas.usp.br/esse>). Editores responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José América Bezerra Saraiva. Volume 12, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2016, p. 10-15. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento: 31/01/2016

Data de aprovação: 20/02/2016
